

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu
Leif Ove Andsnes



07 + 08 mai 26

07 mai 26 QUINTA 20:00

08 mai 26 SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

Orquestra Gulbenkian

Hannu Lintu Maestro

Leif Ove Andsnes Piano

Louise Farrenc

Abertura n.º 2, em Mi bemol maior, op. 24

c. 8 min

Ludwig van Beethoven

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3,
em Dó menor, op. 37

c. 35 min

1. *Allegro con brio*
2. *Largo*
3. *Rondo: Allegro – Presto*

INTERVALO

Robert Schumann

Sinfonia n.º 4, em Ré menor, op. 120

c. 30 min

1. *Ziemlich langsam – Lebhaft* (Muito lento – Vivo)
2. *Romanze: Ziemlich langsam* (Muito lento)
3. *Scherzo: Lebhaft* (Vivo)
4. *Langsam – Lebhaft* (Lento – Vivo)

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: C. 1H 50 MIN

INTERVALO DE 20 MIN

Louise Farrenc

(Paris, 1804 – Paris, 1875)

Abertura n.º 2, em Mi bemol maior, op. 24

COMPOSIÇÃO 1834

DURAÇÃO c. 8 min

Apesar da notoriedade que granjeou no seu tempo, a figura de Louise Farrenc (nascida Jeanne-Louise Dumont) seria negligenciada após a sua morte, e só em anos recentes tem sido levada a cabo a redescoberta da sua música. Farrenc notabilizou-se inicialmente como pianista, tendo iniciado os seus estudos com a sua madrinha Cécile Soria (antiga aluna da Muzio Clementi) e tornando-se depois discípula de Moscheles e Hummel. Foi ainda aluna de composição do importante professor Anton Reicha, em parte no Conservatório de Paris, instituição onde em 1842 viria a estabelecer-se como professora de piano durante os 31 anos seguintes, produzindo inclusivamente materiais pedagógicos de referência. No âmbito da composição, a sua atividade centrou-se, numa primeira fase, essencialmente no piano, mas depois alargou o seu interesse também à música de câmara e à música orquestral, em geral com receção bastante positiva por parte do público e da crítica. Várias das suas obras foram estreadas por músicos e agrupamentos destacados no meio musical da época.

A Abertura n.º 2, em Mi bemol maior, foi composta em 1834, e tal como a Abertura n.º 1, escrita nesse mesmo ano, a Sinfonia n.º 1, escrita sete anos mais tarde, e as

outras duas que se seguiram, é bem demonstrativa do seu domínio da escrita para orquestra. Em relação à experiência anterior, esta abertura destaca-se pelo seu controlo da forma, pela sua extraordinária riqueza melódica, pela sua intrincada escrita contrapontística e ainda pelo seu notável poder dramático, instinto que a compositora revelou também na ambição de escrever uma ópera, o que nunca chegou a concretizar (da sua pena sobrevive apenas uma “scène dramatique” intitulada *Le Prisonnier de guerre*). A sua competência no campo da orquestração – reconhecida pelo próprio Hector Berlioz – é especialmente evidente nesta obra, em particular na mestria como concilia e coloca em oposição diferentes secções da orquestra, bem como no modo subtil como elabora internamente as respetivas texturas, gerando uma paleta sonora bastante variada. A abertura começa com uma introdução imponente e ousada, no modo menor, que se inicia de modo vacilante e pungente, lançando todo um discurso dramático que se prolongará até ao último compasso. O corpo principal da obra, no modo maior, atravessa momentos ora exuberantes, ora introspectivos, e depois de um desenvolvimento surpreendente, a música dirige-se para uma culminação triunfante.

Ludwig van Beethoven

(Bona, 1770 – Viena, 1827)

Concerto para Piano e Orquestra n.º 3, em Dó menor, op. 37

COMPOSIÇÃO 1803

ESTREIA Viena, 5 de abril de 1803

DURAÇÃO c. 35 min

Uma vez alcançada a afirmação enquanto virtuoso e professor no meio aristocrático vienense, Beethoven embarcava na composição de uma série de obras em larga escala, as quais se destacam na sua produção no período entre 1800 e 1802, um conjunto de peças ambiciosas e experimentais que anunciam já o novo “ideal sinfónico” que marcaria o seu estilo no período entre c.1803-1812. O Concerto para Piano e Orquestra n.º 3, em Dó menor, op. 37, cujos primeiros esboços parecem datar ainda de 1796, foi trabalhado inicialmente em 1799-1800, altura em que o 1.º andamento ficou concluído. No entanto, o compositor regressaria à obra apenas em 1802, concluindo-a no ano seguinte. A sua estreia, tal como a da Sinfonia n.º 2, ocorreu em abril de 1803, em Viena, com o próprio autor ao piano, num concerto cujo programa incluía ainda a Sinfonia n.º 1 e a oratória *Cristo no Monte das Oliveiras*. A obra seria publicada em 1804, mas só em 1809 o compositor acrescentaria a sua cadência para o andamento inicial.

O 1.º andamento, *Allegro con brio*, abre com a apresentação pelas cordas de um tema sóbrio e conciso (claramente reminescente do congénere mozartiano), desenvolvido por toda a orquestra até que os violinos apresentam um

2.º tema contrastante, em Mi bemol maior. Anunciando-se com dramatismo, o solista dá início a uma segunda exposição em que é o principal protagonista, e depois de uma secção de desenvolvimento que decorre nas linhas gerais do concerto clássico, a orquestra reafirma o tema principal em *fortissimo*. O 2.º tema surge agora em Dó maior e uma cadência tempestuosa conduz a um encerramento dramático. Segue-se um *Largo* em Mi maior – tonalidade inesperada e arrojada para um concerto em Dó menor –, um andamento lírico em que o piano canta com nobreza. Para a sua atmosfera tranquila contribui grandemente a orquestração imaginativa. Por fim, o *Rondo: Allegro*, pleno de travessuras e bom humor, rompe em Dó menor com um tema agitado, no piano a solo. Num radioso interlúdio contrastante, em Lá bemol maior, é apresentado um 2.º tema, *dolce*, motivicamente derivado do primeiro. Partindo de Fá menor, a orquestra explora o tema do rondó em estilo fugado, desembocando num breve episódio lírico, agora em Mi maior, baseado no 2.º tema. O tema principal regressa e a música caminha para um ponto culminante em Dó maior, momento em que uma breve cadência dá lugar a uma coda altamente espirituosa, em 6/8, que encerra o concerto de modo vertiginoso e triunfante.

Robert Schumann

(Zwickau, 1810 – Eendenich, 1856)

Sinfonia n.º 4, em Ré menor, op. 120

COMPOSIÇÃO 1841 / 1851

ESTREIA Düsseldorf, 30 de dezembro de 1852

DURAÇÃO c. 30 min

Após algumas experiências sinfónicas no outono de 1840 e da composição da Sinfonia n.º 1 no início de 1841, Schumann avançou para a composição de uma segunda sinfonia, no final desse mesmo ano, animado pelo sucesso obtido pela primeira. Mas esta nova obra, estreada logo a 6 de dezembro, em Leipzig, não teve o mesmo êxito, tendo ficado retida. Embora o compositor acreditasse no seu potencial, só faria a sua revisão dez anos mais tarde, já depois de concluídas outras duas sinfonias, razão pela qual ficou numerada como a quarta. Esta Sinfonia n.º 4, em Ré menor, op. 120, seria assim estreada a 30 de dezembro de 1852, em Düsseldorf, sob a direção do compositor. Trata-se de uma obra que explora a escrita sinfónica de modo inovador: na versão revista, os quatro andamentos tradicionais estão interligados, apresentando um conjunto de materiais musicais que são reciclados ao longo da obra, tal como sucede na *Wanderer-Fantasie* (1822) de Schubert, e na *Symphonie fantastique* (1829) de Berlioz.

O 1.º andamento abre com uma introdução dramática, *Ziemlich langsam*, em que é enunciado um motivo de cinco notas – associado ao nome da esposa Clara – que ressurgirá ao longo da sinfonia sob várias feições rítmicas e melódicas. Tem depois início a expectável forma sonata, *Lebhaft*,

em que se ouve um 1.º tema inquieto, assim como um 2.º tema contrastante em Fá maior, e após o desenvolvimento e a reexposição, o motivo de abertura reaparece numa coda triunfante em Ré maior. O 2.º andamento, *Romanze: Ziemlich langsam*, em Lá menor, decorre numa atmosfera introspetiva. A melancólica melodia principal é tecida pelos oboés e pelos violoncelos, enquanto na secção central é desenrolada, num afetuoso solo de violino, uma ideia oriunda da introdução do 1.º andamento. Segue-se o *Scherzo: Lebhaft*, em Ré menor, com o seu carácter jocoso, entusiástico e impetuoso, em que se destaca a hábil manipulação do ritmo. O tema principal é baseado numa inversão do “tema de Clara” e no meio há um *Trio* contrastante, em Si bemol maior. Por fim, o 4.º andamento, em Ré maior, abre também com uma passagem introdutória, *Langsam* (inspirada na transição que conduz ao *Finale* na Sinfonia n.º 5 de Beethoven), da qual brota mais uma forma sonata, *Lebhaft*. O 1.º tema concilia o motivo enunciado na introdução da sinfonia e uma figura rítmica pontuada ouvida no 1.º andamento, contrastando com um 2.º tema ondulante. Depois do desenvolvimento, a reexposição conduz a uma coda arrebatada.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

Hannu Lintu

O finlandês Hannu Lintu é o atual Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, prossegue o seu trajeto como Maestro Principal da Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia e inicia os seus mandatos como Parceiro Artístico da Sinfônica de Lahti e Diretor Artístico do Festival Internacional Sibelius. Na temporada passada, Lintu foi nomeado Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Singapura, com início em 2026/27. Nos últimos anos, dirigiu a Sinfônica de Chicago, a Filarmônica de Nova Iorque, a Filarmônica de Berlim, a Orquestra de Cleveland, a Sinfônica da Rádio da Baviera, a Orquestra Nacional da Radio France, a Sinfônica de Boston, a Sinfônica da Rádio Sueca, a Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, a Filarmônica de Londres, a Sinfônica de Atlanta, a Orquestra do Konzerthaus de Berlim e a Sinfônica de Montreal, entre outras orquestras. Para além das grandes obras sinfônicas, dirige regularmente repertório de ópera. Neste domínio, os destaques recentes incluem *Oedipe* de Enesco, com a Sinfônica de Viena, no Festival de Bregenz, *O Navio Fantasma* de Wagner, na Ópera de Paris, e *Pelléas et Mélisande* de Debussy, na Ópera Estadual da Baviera, bem como várias produções para a Ópera e Ballet Nacionais da Finlândia, incluindo o ciclo *O Anel do Nibelungo* de Wagner, *Dialogues des Carmélites* de Poulenc, *Don Giovanni* de Mozart, *Turandot* de Puccini, *Salome* de R. Strauss, *Billy Budd* de Britten, e uma versão coreografada da *Messa da Requiem* de Verdi.

Hannu Lintu estudou violoncelo e piano na Academia Sibelius, em Helsínquia, instituição onde mais tarde se formou em direção de orquestra com Jorma Panula. Estudou também com Myung-Whun Chung na Accademia Musicale Chigiana, em Siena. Em 1994 venceu o Concurso Nórdico de Direção de Orquestra, em Bergen.

Leif Ove Andsnes

A irrepreensível técnica e as cativantes e exploratórias interpretações de Leif Ove Andsnes colocaram o pianista norueguês no topo do circuito internacional de concertos e recitais, tendo construído, em simultâneo, uma relevante discografia. Gravou mais de 50 títulos, abrangendo um largo repertório que se estende do Barroco até à atualidade. As suas gravações receberam onze nomeações para os *Grammy*, sete prémios *Gramophone* e muitas outras distinções internacionais. A coletânea de 36 discos, *Leif Ove Andsnes: The Complete Warner Classics Edition 1990-2010*, foi lançada em 2023. Leif Ove Andsnes é o diretor e fundador do Festival de Música de Câmara de Rosendal, na Noruega, foi codiretor artístico do Festival de Música de Câmara de Risø e diretor musical do Ojai Music Festival, na Califórnia. Foi incluído no *Gramophone Hall of Fame* em 2013 e foram-lhe atribuídos doutoramentos honorários pela Universidade de Bergen e pela Juilliard School of Music de Nova Iorque. Como Parceiro Artístico da Mahler Chamber Orchestra, liderou o agrupamento a partir do teclado em dois grandes projetos: *The Beethoven Journey* e *Mozart Momentum 1785/86*.

Distinguido com o *Instrumentalist Award da Royal Philharmonic Society* e com o *Gilmore Artist Award*, foi agraciado na Noruega com o título de Comendador da Real Ordem Norueguesa de Santo Olavo e com o Prémio Peer Gynt. Foi curador do ciclo *Perspectives* do Carnegie Hall e tema do ciclo *Artist Portrait Series* da Sinfônica de Londres. Realizou residências artísticas de longa duração com a Filarmônica de Berlim, a Filarmônica de Nova Iorque e a Sinfônica de Gotemburgo. Estudou no Conservatório de Música de Bergen com Jiri Hlinka, tendo recebido também valiosos conselhos de Jacques de Tiège. Atualmente é consultor artístico da Academia de Piano de Bergen.

Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas.

Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora.

No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

PRIMEIROS VIOLINOS

Alexander Kagan CONCERTINO*
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR
Maria Balbi 2º CONCERTINO AUXILIAR
Vicente Sobral 2º CONCERTINO AUXILIAR
Alla Javoronkova
Ana Beatriz Manzanilla
Elena Ryabova
Maria José Laginha
Otto da Casa de Pereira
Catarina Resende
Catarina Ferreira
Margarida Queirós
Félix Duarte
César Nogueira*
Rosa de Sá*
David Ascensão*
Sara Cymbron*

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA
Zachary Spontak 1º SOLISTA
Piotr Rachwał 2º SOLISTA
Jorge Teixeira
Tera Shimizu
Stefan Schreiber
Ana Isabel Malheiro
Gonçalo Melo
Bernardo Barreira
Ricardo Vieira
Flávia Marques*
Sara Llano*
Maria Bykova*

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

Milan Radocaj*

Dinis Campos*

VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA

Samuli Peltonen 1º SOLISTA*

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Maria Nabeiro*

Beatriz Raimundo*

Emídio Coutinho*

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

João Lobo*

Pedro Aparício*

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA*

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Duarte Moreira 1º SOLISTA

Telmo Rocha 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Armando Camolas 2º SOLISTA*

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Ángel Soliva 1º SOLISTA*

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

David Giménez 2º SOLISTA*

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

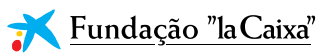
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



